

NGANGA

EDIÇÃO 02 - FEV 2022





Expediente

Direção geral

Douglas Rainho

Edição e Diagramação

Natyelle Koga

Projeto

Cova de Cipriano Feiticeiro,
Templo de Quimbanda Pantera
Negra e Dama da Noite,
Templo de Quimbanda Cova
de Tiriri e Pedido.co

Contato

revistanganga@perdido.co



Sumário

Editorial.....	04
O Pacto com o Diabo & a Magia Cerimonial Europeia na Tradição de Quimbanda.....	05
Genealogia Espiritual do Brasileiro e do Kimbanda.....	11
Exu é Faca.....	13
Umbanda & Quimbanda.....	21
Erin: o primeiro oráculo do kimbanda.....	25

Editorial

A nossa pretensão com esta revista é trazer mais acesso as pessoas sobre a **Quimbanda**, desfazendo mitos e dogmas. Porém, levar luz a um tema, não implica em torná-lo palatável para a massa. Muito do que se lerá aqui é para causar incomodo, afinal, a ordem provém da entropia em uma dança cósmica eterna.

Nesta edição trataremos da origem dos pactos e sua conformidade com as leis de Quimbanda, entendendo as responsabilidades do Kimbanda e de como a formação do brasileiro impactou diretamente na fundamentação da Quimbanda em solo brasileiro.

Entender nossas raízes é permitir ter contato com a verdadeira magia. Essa magia que permeia tudo que vive e já viveu, afinal a morte é apenas uma mudança de estado e o Kimbanda, como um bom necromante, tem as chaves para falar com os mortos.

Deleite-se nesta edição enquanto as hordas de espíritos passeiam por entre os vivos. Seja você um espírito desperto e não um morto-vivo sobrevivendo a essa passagem material.

Saravá! Nguzo ê! Laroyê! Exuê!

Douglas Rainho

Kimbanda Zelawapanzu

Sacerdote de Quimbanda Nàgô do

Templo de Quimbanda Cova de Tiriri

Pacto com o Diabo **& A MAGIA CERIMONIAL EUROPEIA NA** **TRADIÇÃO DE QUIMBANDA**

Aventurei-me tão longe e com o meu próprio sangue estabeleci contrato com o Diabo para eu ser para sempre dele, de corpo e alma.¹

Quando nos debruçamos sobre as duas tradições de feitiçaria na Europa, a popular e a erudita, inferimos dois tipos de relação com os demônios². As feiticeiras da tradição popular tinham muito mais proximidade e familiaridade com os demônios do que os magos dos grimórios que, por outro lado, os consideravam criaturas perigosas e traiçoeiras.

Essa aversão que os magos eruditos dos grimórios³ desenvolveram é fruto direto da teologia de Santo Agostinho (354-430 d.C.) que apresenta os demônios como anjos caídos em uma perpétua guerra contra as hostes angélicas e que separa os homens de Deus em uma posição ontologicamente degradante.

Esses dois tipos de relação estabelecida com os demônios eram, por outro lado, fruto das condições sociais das feiticeiras da tradição popular e dos magos da



¹ Philip M. Palmer e Robert P. More, *The Sources of the Faust Tradition, from Simon Magus to Lessing*. Haskell House Pub, 1966.

² Seria adequado dizer espíritos, no entanto, muito da metalinguagem da feitiçaria tradicional europeia está associada diretamente a visão de mundo da cristandade, que dividia o mundo espiritual em três categorias apenas: almas de mortos, anjos e demônios. Como venho demonstrando em *Daemonium*, o conceito e ideia do daimon grego, raiz da palavra demônio, se desenvolveu no curso do tempo e espaço. É nesse curso de desenvolvimento que buscamos sua significação substancial, não em sua raiz.

³ Livros de feitiçaria e magia cerimonial medieval. O termo vem do francês *grim war* e traduzido ao inglês como *Grammar*, quer dizer, gramática. No dicionário Merriam-Webster, temos: as principais regras de uma arte, ciência ou técnica. Fonte: Aaron Leitch, *Secrets of the Magickal Grimoires*. Lewellyn Publications, 2013.

tradição dos grimórios. Elas conviviam com situações difíceis de sobrevivência, simplicidade e sem condições financeiras para pagar uma educação erudita de qualidade. Por conta disso, a feitiçaria que elas praticavam era muito mais simples e direta.

Uma característica da tradição popular que não estava presente na tradição erudita dos grimórios era a ênfase na transmissão oral de conhecimento⁴. Embora as feiticeiras não tivessem acesso à educação erudita dos magos da tradição dos grimórios, muito de sua sabedoria vinha do conhecimento ancestral transmitido oralmente. Desse modo, diferente da tradição dos grimórios, em que os magos operavam sistematicamente solitários, sem ajuda de magos mais antigos e treinados, a feitiçaria popular europeia contava com a sabedoria arcana das feiticeiras mais velhas que repassavam seu conhecimento oralmente.

A ideia do pacto diabólico, largamente disseminada pela Igreja Católica, ajudou a construir, no imaginário popular europeu, uma relação também muito mais simples, próxima e direta entre as feiticeiras e os demônios, considerados ajudantes mágicos, seus espíritos familiares.

Essa maneira mais simples e direta de lidar com os demônios era herança de uma crença bem mais antiga na tradição da magia e a literatura mágica está farta de relatos de feiticeiras que alimentavam diabretes. A ideia do pacto com o Diabo, nesse caminho, aproximou mais ainda as feiticeiras dos demônios, eliminando a longa jornada de purificação que os grimórios exigiam dos magos eruditos⁵.

Assim, diferente dos magos eruditos que empreendiam disciplinas estritas de purificação para convocarem perigosos demônios malignos, as feiticeiras criavam alianças e compromissos com amantes, amigos e mestres demoníacos através do pacto com o Diabo. Foi a Igreja Católica, através da Inquisição, que inflamou o imaginário popular europeu com a ideia de pacto diabólico, o sabbah ou festa das feiticeiras e outras formas de comunicação com os demônios. A ideia do pacto com o Diabo é, de fato, a reelaboração de um antigo arcano da magia: o conhecimento e conversação com o espírito tutelar.

4 Isso explica, por exemplo, a variedade de erros em nomes hebraicos, gregos, babilônios etc. Por outro lado, é preciso destacar o valor que a tradição cristã deu à disseminação escrita dos ensinamentos. Desde o período em que os cristãos eram a oposição contra o regime político romano, a produção de escritos foi intensa. Muitos desses escritos eram atribuídos às antigas autoridades porque, assim, eles seriam mais bem aceitos com o peso e autoridade que o nome trazia. Os grimórios medievais foram uma herança direta dessa tradição escrita; eles foram produzidos pela classe letrada do clero que acabou formando magos clericais que guardavam os arcanos da magia dentro da Igreja. Esses livros práticos de magia, os grimórios, foram considerados mágicos, detentores de virtudes, difusores da sabedoria arcana, e possuidores de um espírito guardião.

5 Os grimórios medievais eram blocos de anotações de magos que operavam secretamente. Não há registros medievais de conclave de magos operando em conjunto; esse tipo de movimento só começou no Renascimento, mas gostamos de acreditar que poderia ter existido um conjunto de magos medievais que se encontravam para praticar rituais de magia. O movimento rosacruziano, que está entre a magia medieval e a magia renascentista, inaugurou a ideia de um conclave de magos que se encontravam nos planos espirituais.



Na Antiguidade, travar contato com um espírito tutelar, receber dele instrução mágica e a condição de salvar a alma do cativo do Hades, tratava-se do arcano mágico par excellence. Essa era a meta de todo feiticeiro e mago do passado. Na escatologia cristã, no entanto, essa meta magística almejada pelos magos tornou-se um atalho ligeiro ao inferno. Os mitos fáusticos-cipriânicos apresentam pesares, remorsos, rancores e o medo da perdição da alma em virtude do pacto de sangue com o Diabo. Essa era a fatalidade que Fausto acreditava: não poder salvar a sua alma porque assinou um pacto diabólico com seu próprio sangue.

Aventurei-me tão longe e com o meu próprio sangue. Estabeleci contrato com o Diabo para eu ser para sempre dele, de corpo e alma: como poderei me retratar? Como posso obter ajuda.⁶

A gênese dessa ideia do pacto diabólico vem do séc. IV d.C. com a celebrada história de Teófilo de Adana, que estabeleceu um pacto com o Diabo por meio de um feiticeiro judeu. Teófilo não teria assinado o contrato com sangue, mas o selou com seu próprio anel.

A conexão mágica clara aqui é o anel, o objeto de uso pessoal. Essa é uma antiga estrutura de pacto com espíritos, presente nos Papiros Mágicos Gregos⁷ e na crença popular: o poder de ligação de qualquer coisa que possui uma conexão pessoal com alguém⁸. Essa história de Teófilo de Adana, uma apologia cristã contra a feitiçaria, foi uma das mais difundidas nas mãos dos magos e feiticeiros até o séc. XIV.

No caldeirão borbulhante da caça às bruxas, este mito fáustico-cipriânico do pacto diabólico inflamou o imaginário popular e, diferente do mago da tradição

6 Philip M. Palmer e Robert P. More, *The Sources of the Faust Tradition*, from Simon Magus to Lessing. Haskell House Pub, 1966.

7 PGM I.1-42.

8 Humberto Maggi, *O Bom Amigo de Fausto*, em *Scientia Diabolicam*. Clube de Autores, 2018.

dos grimórios, a feiticeira da tradição popular realizava pactos e compromissos com seu diabo pessoal, tratando-o como um espírito tutelar. Essa ideia do pacto diabólico com o diabo pessoal foi transmitida diretamente à tradição de Quimbanda em seu primeiro momento⁹ através das feiticeiras ibéricas.

Assim como Fausto entregou-se ao Diabo de corpo e alma através de uma aliança de sangue; assim como São Cipriano foi instruído pelo próprio Diabo e esperava ser o comandante de uma horda de espíritos após a morte; assim como Teófilo de Adana fez um pacto com o Diabo para conquistar prestígio; assim como Simão, o Mago, foi assistido por um espírito tutelar nos seus feitos taumatúrgicos, um kimbanda brasileiro estabelece acordos e alianças com seu Exu tutelar pelos mesmos motivos; o Exu passa a tutelar sua jornada espiritual, lhe protegendo, lhe instruindo, lhe guiando e garantindo o cumprimento de seu Destino¹⁰.

Outra característica da feitiçaria popular europeia transmitida à Quimbanda foi a festa ou sabbath das bruxas. A ideia do sabbath nasceu em verdade no séc. II d.C. como uma acusação dos gregos e romanos praticantes de suas religiões contra os cristãos. O teor dessas acusações era malicioso: cristãos que viviam em pequenas comunidades no Império Romano foram acusados que praticarem celebrações nas quais havia o sacrifício de bebês, orgias que incluíam sexo incestuoso e a adoração de uma divindade estranha na forma de um animal. Esse mito criado contra os cristãos foi então utilizado pela Igreja a partir do séc. XIV para perseguir e condenar os não-cristãos no que ficou conhecido como sabbath das bruxas. Não há registros, de fato, de que as feiticeiras tivessem sido surpreendidas em suas festas noturnas, em cemitérios ou florestas, adorando uma divindade animalesca. Nos processos da Inquisição, os relatos de encontros e festas de feiticeiras apareceram por meio de suas confissões.

Assim como o pacto diabólico, o sabbath das bruxas tratou-se de uma construção da Igreja para perseguir os não-cristãos e o exercício da feitiçaria.

A inquisição papal descobriu uma nova seita herética de bruxas adoradoras do diabo. [...] A ideia de um culto bruxo de adoração ao diabo não era uma realidade até que surgisse na mente dos inquisidores papais no século XVI. [...] Isto foi puramente uma transferência, que uma mudança da heresia dos cátaros tenha sido imposta sobre os sábios. Os julgamentos revelam que foi na Alemanha¹¹ que a ideia de um culto

9 Período colonial e primeira república. Nesse ponto, infira tradição de Quimbanda como sinônimo de macumba.

10 A ideia do daimon como orientador e encaminhador do Destino é muito mais antiga e remonta as concepções religiosas gregas da Antiguidade clássica e tardia.

11 Nota: Lar da tradição luterana, responsável também pela disseminação da ideia renascida de pacto com o Diabo na Idade Média.

organizado cresceu. [...] Só no continente europeu, nas áreas que conhecemos como França e Alemanha, encontramos estas acusações.¹² Na Inglaterra, elas [as bruxas] confessavam ter espíritos familiares, tais como cães, sapos e gatos, e realizar a magia maléfica. [...] A primeira vez que a questão do Sabbath veio à tona nas Ilhas Britânicas foi nas confissões de Newes, em 1591. Mesmo que o pacto demoníaco fosse uma realidade, o Sabbath não era. A bruxa era considerada uma solitária. Ela poderia ter outros companheiros, mas, dificilmente, eles estariam organizados¹³.

O mito do Sabá foi então criado contra os cristãos, mas acabou sendo usado pela Igreja para caluniar todo grupo considerado herege a partir do século XIV, até que finalmente foi transformado no Sabá das bruxas¹⁴.



¹² Nota: É interessante notar que foi na França o nascimento das primeiras comunidades de padres exorcistas, os beneditinos, que influenciaram profundamente a tradição alemã e escandinava da magia durante o processo de expansão do cristianismo na Idade Média, entre os sécs. X e XIII. Veja Johannes Björ Gårdbäck, Livros de Cipriano na Tradição Escandinava, publicado na ontologia Cypriana Old World, Revelore Press, 2017.

¹³ Nicholaj de Mattos Frisvold, A Arte dos Indomados, Penumbra, 2017. Neste livro o autor faz um interessante relato sobre como os mitos das Strigies, Lamiae e Lilitu se convergiram para formar o arquétipo medieval da bruxa, a partir daí perseguida pela igreja como devoradora ou sacrificadora de crianças.

¹⁴ Humberto Maggi, A Gnose do Diabo, em Scientia Diabolicam, Clube de Autores, 2019.

Mas isso mudou no Brasil Colônia, quando um grande influxo cultural misturou-se no caldeirão mágico da identidade magística brasileira. Os cristãos ficaram aterrorizados e temerosos com os primeiros relatos do estilo de vida dos índios, sua nudez, poligamia, incestos, preguiça e as práticas nativas religiosas que eles empreendiam. Os índios do Brasil foram considerados pelos jesuítas o povo do Diabo.

Por outro lado, os escravos enviados ao Brasil também praticavam encontros noturnos em que negros entravam em transe e eram possuídos por entidades estranhas que dançavam e pulavam, caminhavam sobre brasas, furavam-se com espetos diversos e não se machucavam. Ao chegarem no Brasil, estes escravos se juntaram aos índios e, também, as feiticeiras exiladas que vinham de Portugal, compartilharam conhecimentos e desse encontro grotesco, na visão dos cristãos, saíram ingredientes genuínos para as perseguições religiosas: o sabbath das bruxas e a possessão demoníaca.

Outro traço específico da feitiçaria colonial e que começou se acentuar no final do século XVI, foi sua associação às práticas africanas. Segundo as Visitações da Bahia, um escravo guiné chamado André Buçal fazia adivinhações com panelas e fervedouros por volta de 1587. A partir de então, as referências vão aumentando: por volta de 1610, a bruxa Maria Barbosa, protegida do governador da Bahia D. Diogo de Menezes, atuava em conluio com o negro Cucana, que fazia pós com aparas de certas raízes. Em 1616, homens brancos já lançavam mão dos saberes de negos feiticeiros para conseguir a cura de familiares ou escravos¹⁵.

Para quem sabe ver, estes são componentes genuínos da feitiçaria ibérica agregados à cultura religiosa africana e que sobreviveram na Quimbanda: i) o pacto demoníaco na relação entre o adepto e seu Exu; ii) o sabbath das bruxas nos encontros noturnos dos escravos que mais tarde se tornariam as giras de Quimbanda; iii) a possessão demoníaca no trabalho de incorporação mediúnica com Exus e Pombagiras¹⁶. Na continuação, vamos nos concentrar nos seguintes elementos da feitiçaria ibérica que influenciaram o Culto de Exu no Brasil: o pacto diabólico, o sabbath das bruxas e a possessão demoníaca.

{ Por Táta Nganga Kamuxinzela }

¹⁵ Laura de Melo e Souza, *Inferno Atlântico: Demonologia e Colonização nos Séculos XVI-XVIII*. Companhia das Letras, 1993.

¹⁶ Em um contexto mais amplo, é claro, nas tradições dos Calundus baianos, do Batuque ou Nação gaúcho, na Cabula capixaba e na Macumba e Umbanda cariocas.

Genealogia Espiritual do Brasileiro e do Kimbanda



Muitos criticam ou até se perguntam: como é possível o kimbanda «cultuar» ou acreditar em uma Trindade Maioral e, ao mesmo tempo, muitos destes serem iniciados em òrìsà, nkisi ou ser umbandista?

Para responder a essa pergunta, é preciso entender a estrutura espiritual e cultural do povo brasileiro. Vamos recordar do fato que o brasileiro é constituído por uma miríade de povos. Povos estes que foram se miscigenando até os dias atuais e, assim, o continuam em um intercâmbio que os alimentam culturalmente e espiritualmente.

O homem que se diz tradicionalista em nossa terra esquece que seu avô era católico, seu bisavô índio e sua

tataravó, negra africana. Para além disso, faz oferendas no pé da cruz mestra do cemitério e diz que é para os ancestrais!

Temos que abrir a mente e entender o conceito de maneira ampla com uma visão holística e enxergar a partir do escopo.

Nós somos uma raça pluralizada!

Quando o kimbanda (feiticeiro necromante) conhece as forças espirituais que ele tem e corre nas suas veias não terá preconceito algum, nem choque ideológico a respeito disso. Quando você tiver que invocar um espírito para trabalhar, dificilmente saberá qual a ordem de comando para isso e a qual realidade espiritual ele estará conectado.

Exemplo: alguns espíritos quando viveram em terra, tiveram contato e afinidade com divindades africanas, outros com a magia europeia e outros com pajelança etc.

É simples de se entender. Somos um planeta com 7,8 bilhões de pessoas e a grande maioria, tirando os ateístas, tem um tipo de espiritualidade. É muito infantil da parte de algumas pessoas «acharem» que são donos de alguma verdade.

Um exercício de observação que todos deveriam fazer: vá para uma cidade grande como São Paulo e observe as pessoas ao seu redor. Olhe para cada uma delas e depois olhe para você mesmo. Agora, responda à pergunta. Você é melhor que todos eles? O que te faz, realmente, melhor?

Refletiu? O que te pode fazer sair dessa massa e ser uma pessoa diferenciada. É ser um adepto!

E o que é ser um adepto?

É penetrar nos mistérios do sagrado, não meramente de forma religiosa, mas expandindo sua consciência e entender quem realmente você é. Não viver meramente para satisfazer vontades banais ou não deixar nada para contribuir com sua ancestralidade e esse despertar de consciência para outras pessoas. É se iniciar nos mistérios da Quimbanda.

Logo, a iniciação é o processo que faz você entender a realidade humana e os espíritos que habitam nos reinos que compõem as estruturas da natureza manifestada. É a possibilidade espiritual de você transcender essa massa de homens e mulheres, mas ao mesmo tempo coabitar no mesmo plano. E as inteligências que regem o destino da humanidade, independente do nome que se dê a elas. Esses fenômenos podem ser acessados através dos ritos que os verdadeiros kimbandas conhecem para conduzir os passos do adepto no plano físico e espiritual.

Portanto, se eu sei quem são os Maiores e também sei quem são as divindades dos povos que me constituem, não existe problema algum em invocá-los nos meus rituais de Quimbanda.

A Quimbanda Nàgô é feitiçaria: ela entra no plano que precisa ser acessado para atingir um fim sem questionamento. O adepto é livre para conversar com seus verdadeiros espíritos e, para isso, precisa receber a verdadeira iniciação que dará as ferramentas para ele poder acessar essas forças, que é passado somente de mestre a discípulo.

{ Por Táta Nganga Malembu Mikunga }

Exu é Faca

*Exu foi para o inferno de sapato
de algodão. O sapato pegou fogo
Exu voltou de pé no chão.
- Ponto de Quimbanda*

A Quimbanda é magia negra e sua natureza é do mal; Exu de Quimbanda é mau. A Quimbanda é o Culto da Faca; Exu é a Faca. A Quimbanda é do Inferno; Exu é o Diabo e seu domínio é a Matéria.

Qualquer estudo genuíno sobre a teologia e cosmovisão da Quimbanda deve levar em consideração: i) a natureza do mal; ii) a inserção da demonologia europeia na cosmovisão e teologia da Quimbanda. O segundo momento da Quimbanda no Brasil foi inaugurado na tradição literária das décadas de 1940 e 1950 com os Exus – da Quimbanda – sendo sincretizados com os demônios, listados em dois grimórios do séc. XVIII, o Grimorium Verum¹ e o Grand Grimoire.

Eu utilizo esse termo em itálico porque era muito bem entendido aos antigos tátas do culto que Exus e demônios participam de éteres diferentes, sendo impossível uni-los em um ente sincretizado. Seria uma

1 Aluizio Fontenelle, Exu. 1951. A primeira edição em inglês do Grimorium Verum ocorreu somente em 1994. A primeira edição publicada em português é conhecida desde 1997. É difícil saber como o Grimorium Verum chegou às mãos de Fontenelle para elaboração de seu livro. Ele era um ocultista e estudioso.

espécie de aberração teológica. O que possibilita a ação de Exus e demônios atuando em congruência é a criação de uma interface entre os éteres que eles habitam, tecnicamente falando.

O Grimorium Verum influenciou a Quimbanda moderna através de alguma versão italiana, no qual são listados três potências-chefes do inferno: Lúcifer, Ashtaroth e Beelzebuth. As edições francesas, mais antigas que as italianas, trazem o demônio Elestor no lugar de Ashtaroth. É nas versões italianas que os sigilos ganham círculos ao redor das assinaturas dos demônios. O grimório é moderno e está dentre àqueles pertencentes à magia tradicional salomônica. Ambas as edições italianas e francesas fazem menção, seja como tributo ou pegando partes da Clavicula Salomonis, a Salomão².

O Grand Grimoire também é fiel à magia salomônica tradicional e introduz a prática do sacrifício de um bode e do pacto demoníaco. O texto segue com um diálogo entre Salomão e o demônio Lucifuge Rofocale e envolve um pacto diabólico. É interessante o desenrolar do diálogo que termina com o demônio assinando o pergaminho, não Salomão. No entanto, condicionando Salomão a pagar um tributo em ouro toda primeira segunda-feira do mês. ³Nota-se a fórmula mágica universal do espírito tutelar intrínseca nesse grimório e pacto.

Toda essa herança influenciou, profundamente, o modus operandi da Quimbanda, que desenvolveu a técnica e a tecnologia de acesso e trabalho de Exus operando junto com demônios. Quando duas forças mágicas trabalham em conjunto através de uma interface criada entre seus éteres, elas acabam por se influenciar, apresentando-se combinadas, quer dizer, agindo junto e em sincronia sobre um mesmo objetivo. Por esse motivo, as manifestações de Exu

2 Veja Humberto Maggi, Goetia: História & Prática. Clube de Autores, 2020.

3 Ibidem.





na Quimbanda trazem toda essa influência, tudo o que demônios representam, alinhados à natureza do mal e com características comportamentais diabólicas que se chocam e antagonizam àquelas consideradas do bem, do amor e da caridade. A força da Quimbanda é uma tropa de choque porque se choca com e agride o comportamento moralmente construído por uma sociedade cristianizada.

Seja como for, foi através de Aluízio Fontenelle (1913-1952) que a Quimbanda, como a conhecemos hoje, se popularizou. Pessoalmente, pelo fato do assunto ser matéria de estudo e prática durante anos, eu insiro a Quimbanda dentro de um

movimento moderno que se disseminou com o nome de grimoire revival⁴, que busca uma prática livre dos grimórios mais tradicionais como A Chave de Salomão, o Gimorium Verum e a Magia Sagrada de Abramelin o Mago. Nesse último, eu fiz considerações profundas em meu livro Corrente 93: A Corrente Solar do Novo Aeon.

Este movimento valoriza a importância do resgate do êxtase e de técnicas xamânicas que estiveram ausentes nos grimórios tradicionais. A Quimbanda, seja por conta de sua teologia demoníaca ou por fundamentação mágica, tem muito a contribuir com esse movimento. Um de seus integrantes, Jake Stratton-Kent, em seu primeiro volume da Encyclopaedia Goetica faz considerações abundantes acerca da influência dos grimórios na Quimbanda.

Ele ressalta que a Quimbanda é uma arte de magia para adeptos avançados: [...] há poucas dúvidas de que a Quimbanda tem uma reputação terrível. Certamente, não deve ser enganado por alguém mal preparado ou descompromissado em assuntos ocultos. Como a magia goécia, é o privilégio de quem tem experiência real e familiaridade com as tradições em questão⁵. Eu destaquei esse trecho para sairmos dessa introdução e passarmos ao tema principal:

4 Veja Aaron Leitch, *Secrets of the Magickal Grimoires*. Llewellyn Worldwide, 2005.

5 Veja Jason Stratton-Kent, *Encyclopaedia Goetica*. 2009.

Exu é faca!

A Faca é a arma mágica fundamental do kimbanda. A Faca corta, fura e mata. Nas mãos de uma criança, nas mãos de um despreparado, ela pode significar um perigo, primeiro para quem a carrega, segundo, para quem estiver por perto. Uma Faca com fio e potencial de morte, nós entregamos nas mãos de homens capazes e competentes em manuseá-la.

É por isso que receber uma Faca da Quimbanda é uma honra porque significa que o adepto tornou-se um guerreiro do Chefe Império Maioral, o Diabo. A Faca nas mãos de um kimbanda torna-se a projeção da força e potência de Exu. Como uma arma mágica, se não adequadamente manuseada, ela poderá ferir profundamente quem ousou levantá-la sem ter autorização ou autoridade espiritual real. Como uma arma, em pacto com o espírito da morte, a Faca é potencial guardiã, provedora de alimento e segurança; e mesmo assim ela machucará quem não souber empunhá-la. Assim é a natureza de Exu, como uma lâmina afiada que cortará qualquer ingênuo ou despreparado ao seu redor.

Existe um movimento romanceando e fantasiando sobre Exu e isso é pernicioso porque tem causado danos à carreira mediúnica de muitos buscadores sinceros. Exu herda as características vorazes dos demônios dos grimórios e opera por meio da mecânica e técnica do pacto diabólico; a Quimbanda desenvolveu uma tecnologia adequada ao acesso e trato com os Exus, através do qual é possível contatá-los com certa segurança. Assim, como Lucifuge Rofocale exigiu um pacto com Salomão que garantia um pagamento mensal em ouro, Exu também cobrará de seu adepto, o pactuante, o seu pagamento. Para os incautos, nós avisamos: não se chama qualquer Exu na encruzilhada porque você não sabe o diabo que poderá aparecer.



O contato com Exu conecta o adepto à sua vibração, que passa a atuar e a influenciar sua estrutura energética, seus pensamentos, emoções e ações. Se por um lado essa influência energética quebrará correntes de estagnação no interior do adepto levando cura para muitos de seus complexos internos, por outro lado, quando em excesso, essa influência pode produzir, com o tempo, mazelas ou sequelas terríveis. Por esse motivo, na Quimbanda, não é exigido que o adepto esteja incorporado o tempo todo com Exu, apenas quando é extremamente necessário

ou imprescindível. A Quimbanda desenvolveu, portanto, o método cuidadoso com Exu, dentro da dinâmica da técnica e do fundamento, não da fé.

Exu tem fome, Exu precisa ser saciado! Mesmo sabendo que o òrìsà Èsú não é o mesmo que os Exus evocados dentro das práticas de Quimbanda, podemos associar a sua premissa básica: Exu é a Boca que tudo come!

Pacto, força de vontade e FOME! Esses ingredientes podem ser poderosos e perigosos. Por isso, um kimbanda sabe onde mexe, sabe como alimentar Exu, sabe como usar da fala cuidadosa em seu trato e acima de tudo há respeito

entre os pares. Nunca prometa o que não pode ser cumprido.

Existe uma ideia perniciosa no que se diz que não se deve pedir a Exu porque Exu sabe de tudo o que o médium precisa. Mas a verdade é que Exu não está nem aí para o que o médium precisa! Com Exu, se assume um pacto. Ele faz a parte dele e o adepto faz a sua!

Ao chamar Exu para sua vida, ao pensar na Quimbanda como uma tradição a ser seguida, primeiro avalie se o seu caminho é a jornada do guerreiro, porque

existem caminhos distintos. Se pergunte se você tem a coragem e a honra de caminhar ao lado do espírito da morte e matar para se proteger ou para sobreviver. Porque isso exigirá de você o empunhar proficiente da Faca.



Post Scripto:

QUIMBANDA, O MAL E OS DEMÔNIOS

Qualquer estudo genuíno sobre a teologia e cosmovisão da Quimbanda deve levar em consideração: i) a natureza do mal; ii) a inserção da demonologia europeia na sua cosmovisão e teogonia. Quando negamos essa herança, nós descarecterizamos a tradição e deturpamos seus objetivos fundantes. Como prática mágico-religiosa, a Quimbanda cumpre um papel social, indigesto à grande massa.

O mal sempre foi representado, seja um mal moral ou impessoal, por um sentimento de aflição agonizante: o sofrimento. Todo processo natural ou moral que provoca dor e sofrimento no ser humano é um tipo de mal. Assim como a Faca foi criada para matar, seja para proteção ou sobrevivência, a Quimbanda nasceu para flagelar e combater: perseguição, injustiça, escravidão, humilhação, covardia, desonra etc.

Antigos deuses, criaturas espirituais de todos os tipos, encantados, ancestrais, diabretes e muitos outros se tornaram demônios no Ocidente cristão. No imaginário ocidental, demônios e diabos são espíritos malignos cujo objetivo é fazer o mal, prejudicar o ser humano. Esses antigos deuses demonizados encontraram morada na Quimbanda, transformando-a em um relicário brasileiro de forças das trevas.

A Quimbanda nasce como a arma mágica dos oprimidos, da sabedoria e da magia de negros e índios escravizados, bruxas e feiticeiras degredadas, da malandragem de bandidos, cafetões e prostitutas. A Quimbanda nasce como uma árvore que cresceu regada pelo sangue, suor e sofrimentos impingidos a seres humanos marginalizados pelo colonialismo, feudalismo, escravismo, segregação étnica e cultural.

O mal é uma ferramenta mágica na Quimbanda e o seu veículo é a Faca. A Faca é amoral e ela pode ser usada para tombar ou para curar; para matar ou dar a vida. Seja como for, sua lâmina afiada tem sede de sangue. Assim é Exu, como a Faca: amoral e sempre faminto de sangue. A ele é agregado na Quimbanda a força de antigos deuses e deusas demonizadas e cujas memórias se perderam no tempo.

A FACA & O SACRIFÍCIO

A Faca separa o sagrado do profano, introduz a vida nos domínios da morte ou transmuta, transforma e refina, pelo poder da morte, a natureza da matéria, seja no interior do homem ou no coletivo de uma família, comunidade ou cidade.

O ato do sacrifício, seja ele de purificação, propiciatório ou expiatório, é um ato de consagração: o objeto do sacrifício, o imolador e o sacrificante passam da realidade profana a realidade sagrada, religiosa.

Diferente das consagrações que esgotam seus efeitos no objeto consagrado, no sacrifício a consagração irradia-se e impacta diretamente a alma de todos os envolvidos no processo. Todos, sem exceção, não são no fim do sacrifício àquilo que eles eram antes de iniciá-lo. Através da morte, o sacrifício torna-se uma aliança de sangue que une a vida humana a vida divina.

O sacrifício tem um impacto purificador na alma porque através de seu veículo, a Faca, sua força é impiedosamente devastadora: a consagração só é obtida após o animal ser degolado, esquartejado e consumido, seja

pelos participantes, pela natureza ou pelo fogo. O sangue contém a unidade de vida que sustenta a aliança entre os deuses, os ancestrais e os homens. Nas culturas totêmicas, divindade e homem compartilham carne e sangue, o sacrifício sendo o ofício divino que garante a vida comum que os anima e os associa.

QUIMBANDA É FACA

Indivíduos sensíveis têm ficado atônitos com as declarações que faço acerca da Quimbanda e cuja finalidade é demonstrar a tradição que alguns querem obscurecer: não é fácil falar de Quimbanda porque isso reverbera nas profundezas sombrias de cada um de nós. Encarar o mal é indigesto. Aceitar o fio de corte da Faca de Exu e seu desprendimento mortífero é desagradável, pois desconstrói o exu-pet que tem sido construído nos últimos vinte anos.

Quimbanda é o caminho da faca! Eu venho falando disso em textos no site www.quimbandanago.com e indico à pesquisa e à leitura. Na Quimbanda, nós reverenciamos o poder do espírito da faca e o homenageamos erigindo altares sagrados à faca.

Diferente do que muitos propalam por puro desconhecimento dos fundamentos do culto, a faca é a arma mágica mais importante de um kimbanda. Ao redor da faca e do sacrifício gravitam mistérios e arcanos iniciáticos revelados apenas aos iniciados. Não mensure a Quimbanda pela régua de outras tradições como o Candomblé, por exemplo, porque nada do Candomblé se aplica à Quimbanda. Os fundamentos de assentamento, corte e faca na Quimbanda são completamente distintos daqueles que fundamentam o Candomblé.

A Quimbanda é uma tradição! Existe um corpo de conhecimento secreto revelado apenas a kimbandas iniciados, dentro de uma linha de sucessão discipular. Para saber, tem que estar dentro porque Quimbanda de verdade não está em livros e não se aprende da boca de quem não foi iniciado.

Quimbanda é o caminho da Faca!

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

Templo de Quimbanda Maioral

Exu Pantera Negra e

Pombagira Dama da Noite

Revisão de Zelawapanzo

Umbanda & Quimbanda

A Umbanda surge da necessidade de um povo, do choque das culturas e da assimilação dos processos religiosos e mágicos, resultando em algo completamente diferente das religiões originais, mas que trazem muito em semelhança a essa.

A origem da Umbanda é praticamente o choque entre o sistema tradicional religioso e mágico das culturas banto, conhecidos como cultos angoleiros, que vem a dar nos Calundus e, posteriormente, na Cabula e na Macumba carioca, amalgamados com o conhecimento mágico e ritualístico do povo da terra, os povos originários, os povos indígenas.

Acrescidos a isso, encontramos, também, a influência mágica europeia, principalmente, a magia dos grimórios, por meio dos textos cipriânicos-fáusticos e da tradição da benzedura e

da maldição propagada entre as bruxas populares.

E a Quimbanda, com se dá a sua formação? Do mesmo jeito. A diferenciação se dá por uma introdução de uma filosofia cristã posterior e uma moral maniqueísta dentro da Umbanda, com tentativas de uma regularização, centralização de culto e homogeneidade dos sistemas de crença.

A Quimbanda permanece rebelde, conectada com a natureza real do planeta, do chão e da terra. Com a necessidade dos espíritos e com a realidade da magia que não depende da fé para funcionar.

Táta Kamuxinzela diz que:

Inúmeros umbandistas, pais de santo da Umbanda, têm buscado pela iniciação na Quimbanda Nagô. Ao chegarem, é quase que universal a descrição do processo pelo qual estão passando: um chamado da Quimbanda! Esse chamado é em verdade um impulso de reconexão com os primórdios da Umbanda onde – e muito distante do mito de Zélio de Moraes e a fundação da Umbanda – Quimbanda não era apenas instrumento de demanda, mas a espora energética do terreiro umbandista.

A seguir, o pensamento vem do Táta Malembu, iniciador de Táta Kamuxinzela na Quimbanda Nagô:

Os espíritos que trabalham dentro da Umbanda recebem sacrifício; essa prática se perdeu no tempo, mas antes do embranquecimento da Umbanda, sempre foi assim. Preto-Velho, Caboclo, Marinheiro e Boiadeiro sempre tiveram sacrifício e assentamento.

Em busca de um resgate a Umbanda se unir a Quimbanda não terá prejuízo algum. Na verdade, ocorrerá um enriquecimento mágico.

Foram os movimentos modernos de Quimbanda se proliferando pela internet que enunciaram essa ideia de que a Quimbanda é separada ou se opõe a Umbanda. Só que esses enunciados modernos nunca refletiram de fato a realidade do culto, que já era bem mais antigo e com raízes em um tempo que nem se imaginava ter internet.

A Quimbanda Nagô está proliferada em várias tradições: Jurema, Tambor de Mina, Candomblé e muitas outras, onde há um encontro entre tradições que se enriquecem. Antigos terreiros de Umbanda tinham seus quartos de Exu com assentamentos e realizavam sacrifícios.

Compreendemos, portanto, que o kimbanda está inserido nos terreiros, fazendo parte do culto de Umbanda, pois a ideia central de ambos é única:

Em busca do Moyo (energia vital) e de seu influxo e equilíbrio por meio da magia que encontramos realmente a harmonia de alma, espírito e matéria.

O entendimento angoleiro – base da Umbanda e Quimbanda – nos traz a ideia de que o que importa é o que uma prática tem a me oferecer, podendo pegar emprestado ou tomar posse, definitivamente, de um sistema mágico de outra cultura e inseri-lo de forma a se encaixar no meu entendimento. Isso, tanto Umbanda, quanto Quimbanda, se fazem em suas raízes.

Assim como Exu, os kimbandas também vão a todos os lugares. Quando Umbanda e Quimbanda estão operando em harmonia no terreiro, não existe submissão de forças: os espíritos se respeitam; quando um umbandista se torna um kimbanda, ele leva para a Umbanda as armas da Quimbanda. Se hoje existem terreiros de Umbanda que não têm Quimbanda, não é porque isso nunca existiu dentro da Umbanda, mas porque essa «conjunção alquímica» foi perdida. E, uma vez que o umbandista recebe o brajá imperial da Quimbanda Nagô, ele não o tira nos seus ritos de Umbanda. Ele é um Kimbanda, aonde quer que vá, seja na «esquerda» ou na «direita».

Nos diz Táta Kamuxinzela.



Esse entendimento nos é claro quando um espírito de direita pede para seu tutelado se iniciar nos processos de Quimbanda, dando a ele uma autonomia mágica para trazer a Quimbanda para sua realidade diária.

A Quimbanda resgata dentro da Umbanda a essência desta última, nos lembrando que elas foram fundamentadas em cultos de resistência, em que a força do oprimido era a magia e os espíritos dos mortos que voltavam à terra para nos aconselhar, guiar e muitas vezes, nos vingar.

Compreender o tronco do crescimento destas religiões e de outras aparentadas como o Catimbó, o Jaré, a Encantaria nos traz uma fortaleza espiritual.

No Catimbó, o caboclo desce e pede assentamento com corte e isso não implica que ele seja um espírito inferior.

O espírito é sempre desvinculado da perfídia humana e do contexto limitador de estar encarnado em uma moral social. O espírito, seja Exu, Caboclo, Preto-Velho e outros querem resolver a situação.

Evolução espiritual é encontrar o equilíbrio e isso se perdeu com o tempo.

Hoje vemos uma tentativa de resgate nesse processo de Umbanda e Quimbanda, onde as dúvidas acabam surgindo: Em que medida é possível a coexistência de ambas em um terreiro? A resposta para isso é: a coexistência sempre existiu, a identidade sempre foi uma, o que se perdeu foi o entendimento de que a magia deve estar disponível a quem dela precisar.

Como nos diz Táta Kamuxinzela, o kimbanda é um curador, ele, na Umbanda, também, irá curar. Com isso, é importante lembrar que a cura, nem sempre, é fechar a ferida, pode ser que a cura venha por meio de sangrias da alma, do espírito e da matéria.

Kimbanda Zelawapanzo
Cova de Cipriano Feiticeiro/SP
Cova de Tiriri

Erin:

O primeiro oráculo do Kimbanda



Ao ser iniciado na Quimbanda Nàgô, tendo recebido o fundamento aprontado do Exu tutelar, o kimbanda recebe o erin, o oráculo para se comunicar com seu Exu. O fundamento do erin é importante por muitos motivos, alguns deles:

1. Desenvolver e refinar a relação entre o kimbanda e o Exu tutelar: fundamentalmente o erin serve para que uma comunicação mais efetiva ocorra entre o kimbanda e o Exu tutelar. Tecnicamente, o uso constante deste oráculo auxilia no refinamento do aparato mediúnico e é uma ferramenta integral porque ele é levado dentro de uma pequena bolsa carregada pelo kimbanda o tempo todo, e que não serve apenas para conter os búzios, mas também como amuleto mágico.

2 Oráculo de sim ou não: o kimbanda irá buscar junto ao seu Exu tutelar respostas para perguntas diversas, principalmente onde entregar as oferendas (se no ponto de força ou na frente do assentamento) e se elas foram devidamente entregues e aceitas.

3. Sorte e má sorte: dependendo do lugar onde o erin é lançado, na frente do assentamento, na tábua ou no ponto de força, a conformação da queda dos búzios indicará sorte (vida longa, riqueza, saúde, amor, família, vitória, caminhos abertos etc.) ou má sorte (doença, morte, perdas financeiras, inimigo, inveja, obsessão espiritual etc.), o comportamento adequado ou impróprio do kimbanda.

O erin é consagrado, alimentado e encantado pelo táta-nganga no feitio do assentamento, entregue ao kimbanda iniciante no ato de sua iniciação.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro

Templo de Quimbanda Maioral

Exu Pantera Negra e Pombagira Dama da Noite



@LUANODE_